31761 06680738 9

BRIEF
PQD
0033310

THEATRO POPULAR PORTUGUEZ
ENTREMEZES, FARÇAS E SCENAS-COMICAS
N.º 1

CASA DE CALOTEIROS E LADRÕES

GRANDE ENTREMEZ DE COMEDIA

representado em todas as terras de Portugal e offerecido aos lavradores da Maia

POR

ANTONIO JOSÉ DA COSTA NABIÇA

DA FREGUEZIA DE VILLAR DO PINHEIRO, DO CONCELHO
DE VILLA DO CONDE

Á VENDA, NO PORTO
NA
LIVRARIA PORTUGUEZA, DE JOAQUIM MARIA DA COSTA
55 — LARGO DOS LOYOS — 56

1888

PERSONAGENS DO ENTREMEZ

MARÇALLO LOPES
LUMEDIA (mulher de Marçallo Lopes)
LAURINA (filha de Marçallo e Lumedia)
JACOBINO (palhaço)
LOREM (juiz de paz)
JUROM (escrivão)
FELIX SIMÃO (mercador)
JACINTHO (lojista de peso)
SORTIVÃO (regedor)
ALFREDO (cabo de policia)
DOUTOR

Brief
PQ1
00 33310

LOA

Ao levantar o panno sahirá um representante a que se dá o titulo de Annuncio e este será o primeiro que deve sahir e recitará a lôa seguinte:

Que lindo congresso vejo,
Mais luzente que o crystal,
Cuja sciencia e brilho
E' a flor de Portugal.

Que bem parece aos meus olhos
O jardim mais florido;
Vés um povo discreto
N'este lugar reunido.

Altos senhores e senhoras,
Mancebos e raparigas
Mas tudo isto pessoas
De sciencia instruidas.

Com tantas diversidades
De bairros e freguezias,
Como no ceu se divisam
As casas das gerarchias

Asssm como flores vejo
De tantas variedades,
Não só pessoas dos campos
Mas de villas e cidades.

E todos aqui vieram
Com efficaz devoção,
Para adorno e gloria
D'esta vistosa funcção.

Por isso quizera a todos,
Mil vezes agradecer,
O favor que nos fizeram
Em nos vir engrandecer.

Eu que nada conheço
Como sou de sciencia pobre,
Devia pagar a ouro
O que não posso pagar a cobre?

Pois se eu não fora rude,
E d'escuro talento
Então poderia dar-lhe
Algum entretenimento.

Porque era o meu desejo,
Dar a todos um recreio
Que dissesse á voz geral
Bem empregado passeio,

Assim peço por esmola
A um povo tão constante,
Que desculpem as fraquezas
D'este fragil ignorante.

E sómente mais direi,
Do que o baile vae constar,
Antes que ouça dizer
Que vieste cá buscar.

E' o drama de tragedia
Que vai ser representada
A casa de caloteiros
Cuja é intitulada

O que consta de seis scenas
Só de roubos e calotes
Forjados por Jacobino
Junto a Marçallo-Lopes.

Mostrando claramente
Em um ponto resumido
As causas d'um caloteiro
Por verdadeiro fingido.

Assim reflectir devemos
No fundo do seu moral
Para que todos se livrem
De soffrer tão grande mal.

Por causa das trapacisses
D'um portento caloteiro
Que de tão vasto receio
Que até formou um nevoeiro.

Como logo hão de ouvir
De mentiras mais de mil
E taes que em seus comprimentos
Cheguem d'aqui ao Brazil.

E com isto remato
A outro deixo o lugar
Para que as minhas verdades
Logo se possam provar.

E assim peço perdão
Ao generoso congresso
E a Deus que abençoem
Quanto ha no universo.

Para que gozem a doce paz
Annos, mezes, noutes e dias
E no céo contem com os anjos
Dos coros das gerarchias.

SCENA I

Sahirá á scena Jacobino e depois de ter recitado a terceira quadra sahirá Marçallo, Lumedia, Laurina e doutor Lorem e andarão passeando em observação do que disser Jacobino para fallarem quando convier.

JACOBINO

Guarde Deus, meus Senhores,
Eu lhes vou dizer o fim
Que me obrigou aqui vir,
Venho ver se acho um amo.

Que sou moço de servir.
Ha justamente tres dias
Que estou desapatroado
Que morreu o meu amo
E fiquei desarranjado.

Mas sendo isto sabido
Amos não me faltarão,
Que moço como eu sou
Muito raro acharão.

Até para me ajustar
Muitas vezes mette empenho
Mas são aquelles que sabem
A habilidade que eu tenho.

Pois sei da arte do ferreiro,
E d'alfaiate tambem
Ninguem sabe a habilidade
Que este meu corpinho tem.

A mais é sabedoria
Que tenho de natural
Porque nunca dei a mestres
A valia d'um real.

Mas fui a casa do ferreiro
Joaquim da Costa Prado
Querendo eu com brevidade
Que me fizesse um machado.

Porém elle respondeu:
Eu não tenho cá mais ferro
Que a perna d'uma sertã,
E já por ella está esperando
A mulher do Campanhã.

Mas venha cá outro dia
Que assim que o ferro vier
Não só lhe faço um machado
Mas até mais se quizer.

Então eu lhe respondi:
Pois dê-me o ferro que tem
Para a perna da sertã
Que eu mesmo faço o machado
E com muita perfeição.

Disse-me elle com má cara:
Vá-se d'ahi seu sendeiro
Pois um moço de servir
Que saberá de ferreiro?

Basta para lhe provar
Que não ha doudo egual
Não haver quem faça obra
Sem que tenha cabedal.

Tornei lhe eu: dê-me esse ferro
E não se esteja a agastar
Que eu sem ser ferreiro, sou
Capaz de o ensinar.

E se d'isto duvidar,
Para mais lhe faço vêr
O ferro na minha mão
Se ha de mingar, crescer.

Que do ferro que ahi tem
Para a perna da sertã,
Não só lhe faço um machado
Mas até uma porção.

Disse-me elle embravecido
Com cara de remetter
Que se eu fosse assustadiço
Até ficava a tremer.

Pois ahi tem esse ferro
Seu cabeça de marmello
E se não faz como disse
Ha de levar com um martello.

Logo eu peguei no ferro
E com duas martelladas
Fiz dezenove machados
E vinte e cinco enchadas.

Elle assim que isto viu,
Todo cheio de espanto,

Me veio pedir a benção
E disse: você é Santo.

Assim peço me perdoe
Por alguma má palavra
Attendendo a que fallei
Sem saber com quem fallava.

Disse-lhe eu: nunca se atreva
A prezar o seu valor
Porque aonde se não pensa
Se encontra superior.

E tudo quanto tinha feito
Lhe deixei de boa mente
Assim ficou o ferreiro
Até dansar de contente.

Mas logo que me eu havia
Despedido do ferreiro
Encontrei o alfaiate
José Luiz Castanheiro.

Como o vi na sua marcha
Que ía muito apressado,
Disse lhe eu: onde vai mestre,
Que vae tão afadigado?

Logo elle respondeu,
D'esta forma que lhe digo:
E' tanta a obra que tenho
Que me vejo confundido.

E vou a ver se acho um mestre
Para me vir ajudar
Porque eu só de tanta obra
Não sei que conta hei de dar.

Que até me causa tristeza
Se me ha de dar alegria,
Porque esta muita obra
Veio encher me de fernezia.

Que mais de trinta freguezes
Tem de ficar por servir,
E é isto meu senhor,
O que me faz affligir.

Porque todos querem galas
Para irem á romaria,
E eu para tanta obra
Não tenho mais que um dia.

Disse-lhe eu: se é essa a causa
Do senhor se affligir,
Então esteja descançado
Que todos se hão de servir.

Que eu vou já em seu soccorro
E em antes do meio dia,
Se hão de apromptar as galas
Que são para a romaria.

Disse me elle de contente
Franqueando-me rapé,
Venha a mais eu meu amigo
Pois conheço que o é.

Entrando na sua casa
Sentei me n'uma cadeira,
Cá de minha perna alçada,
Trabalhando com canceira.

Fiz logo doze casacos
E quarenta pantalonas,
E dez vestidos de seda
P'ra damas bem chibantonas.

Pois eram bem nove horas
Sem eu um ponto ter dado,
E ao dar das onze e meia
Tudo estava arranjado.

Ainda fiz um albornó
E um colete de setim,
Mas não foi para freguezes,
Foi cá mesmo para mim.

E tudo isto eu fiz
Antes de dar meio dia,
Ainda fiz mais duas saias
A' moça da minha tia

E tambem fiz um relogio,
Ao Francisco das amóras,
Sem ter mostrador nem ponteiros,
E regula e dá horas.

MARÇALLO

De tantas habilidades
Como o Senhor tem mostrado,
E' de crer que Portugal
Segundo não tem creado.

JACOBINO

Sim, senhor, diz muito bem,
Como eu não ha segundo;
E não só em Portugal,
Mas até em todo o mundo.

LUMEDIA

Quem tem tão raras finezas
Assim como o senhor tem,
Se tocar um instrumento,
Ha de tocar muito bem.

JACOBINO

Sim, senhora, muito bem!...
Isso lá como eu não ha ninguem.

Basta que quando eu toco
Quantos me ouvem se encantam,
Que ao som do meu instrumento
Ainda que não queiram dançam

LUMEDIA

Em tal não quero crer
Nem devo acreditar,
Porque se eu não quizer
Ninguem me obriga a dançar.

JACOBINO

Não duvide, senhora!...
E póde acreditar
Que o mesmo encanto
A obriga a dançar.

LUMEDIA

Que diz a isto Marçallo,
Deverei crer ou não crer?

MARÇALLO

Não, porque cousas impossiveis
Não ha quem possa fazer.

JACOBINO

Queiram apostar commigo
Que eu já lhes faço ver.

MARÇALLO

Ao que disse Jacobino,
Queira me dizer compadre,
Se devo ter por mentira,
Ou acceitar por verdade.

JUROM

E' uma grande mentira
Verdade não póde ser,
Porque ninguem me obriga
A que eu dance sem eu querer.

Jurom sae junto com os outros em observação de Jacobino).

JACOBINO (dirá:)

Já disse apostêm commigo,
Que eu logo lhes faço ver.

LUMEDIA

Aposto a vinte libras
Se meu marido quizer.

MARÇALLO

E eu com gosto concordo,
No que disseste, mulher.

LUMEDIA

Está a aposta effectuada
Sem demora quero ver
Já que exponho vinte libras
A ganhar ou a perder.

JACOBINO

Deposite-as na mão
Do senhor juiz Lorem,
Que eu as minhas vinte libras
Já lh'as entrego tambem.

LUMEDIA

Queira, senhor, por favôr
Vinte libras receber.
Que eu exponho por aposta
A ganhar ou a perder.

(Fazendo que as dá ao juiz.)

JACOBINO

Aqui tem as minhas vinte
Tambem já depositadas.
Que da sua mão espero
Logo receber dobradas.

(Fazendo que lh'as entrega).

LAURINA

Tudo está concluido
Appareça o instrumento,
Para ganharmos a aposta
E termos um passa tempo.

JACOBINO (puxará d'um assobio e dirá:)

Eis aqui o instrumento
Com que já lhes faço ver
Que hão de perder a aposta
Por dançar aqui sem querer

LAURINA (rindo-se)

Olhe que grande instrumento
Agora é que me eu rio:
Apostar que nos encanta
Com o toque d'um assobio.

Agora é que eu digo
Que é homem falto de tino
Porque só sabe tocar
Instrumento de menino.

JACOBINO

Isto é o tira teimas
E para as teimas acabar
Sem que haja mais demora
Já os vou fazer dançar.

LAURINA

Eu não danço nem que se vire o mundo! não danço, senhor padrinho!...

JUROM

Não danço afilhada! Não danço tambem.

MARÇALLO

Não dances mulher!...

LUMEDIA

Não dances marido,
Senão ficamos com o dinheiro perdido.
Aqui ninguem dance.

(Dito isto Jacobino toca o assobio, principiam todos a bolir as pernas fazendo que dançam obrigados, e batem as mãos e as pernas para se suster de dançar, dizendo uns aos outros que não dancem, mas principiarão a dançar e tambem o juiz Lorem, o qual dirá: mau... a festa não é comigo; Jacobino assobiando sempre e dançando todos se recolherão ás arrecuas.)

SCENA II

Sahirá Marçallo e andará passeando, depois sahirá Jurom ao encontro e dirá:

Senhor compadre!

MARÇALLO

Que me quer meu compadre.

JUROM

Passei agora na quinta
Do morgado da Tutella
E lá vi n'um cobertão
Um cortiço de barrella.

Com um enorme pezo dentro
Porque eu o encontrei,
E elle não deu movimento
Do encontro que eu lhe dei.

Em vista d'este pezo
Sabe que a mim me lembrou!
Que ainda pode Jacobino
Perder quanto lhe ganhou.

Se cahi na corriola
De querer tornar apostar,
Eu lhe vou dizer o modo
Como lh'a vamos ganhar.

Vamos pegar no cortiço,
Que tem dentro uma barrella,
E faz muito bem pegar
Por estar n'uma carrella.

Depois d'isto Jacobino
Que toque e torne a tocar,
Que o pezo nos faz estar firmes
E nunca nos faz dançar

MARÇALLO

Mas póde ser esse pezo
Que seja algum bicho bravo
Como está longe da casa
Bem póde lá ter entrado.

JUROM

E' uma grande barrella,
Está ao pé d'um palheiro,
Basta-o ver que até por cima
Está coberto com um liteiro.

Mas nem se diz ao Morgado
No caso de se apostar;
Depois d'esta parte feita
Torna se lá a ir levar.

Ainda mesmo que um dia
Elle isto chegue a saber,
Como não tem prejuizo,
Nada nos tem a dizer.

Além d'isso elle é um pandego
Até que quando o souber
E' um pagode de rir,
Que tem a mais a mulher.

MARÇALLO

Assim elle, Jacobino,
Outra vez queira apostar,
Para ver se as vinte libras
Tornarei a resgatar.

Mas de certo Jacobino,
Que apostar não ha de querer
Porque assim como ganhou
Ha de receiar perder.

JUROM

Diga que lhe deu as libras
Muito porque lh'as quiz dar,
Que não foi porque o toque
O obrigasse a dançar.

Que dançou mas por que quiz,
Por querer ter um passatempo,
Que preferiu perder as libras
Para lhe dar contentamento.

Que elle com isto irado
Ha de tornar a apostar,
E depois como já disse,
Nós havemos de ganhar.

MARÇALLO

Apoiado, meu compadre!
Isso foi muito bem lembrado,
Que elle assim ha de apostar
Por não querer ficar baixado.

E sem que haja mais demora
Assim já lhe vou fallar,
Para ver por esta forma
Se elle tornará apostar

(N'isto sahirá Jacobino e Marçallo dirá:)

Então está satisfeito,
Com noventa mil reis que lhe dei!...

JACOBINO

Como noventa mil reis que te dei!...
Não!... deu-mos porque os ganhei.

Olha que assim me désse
Vinte libras sterllinas,
Como quem dava
Bonequinhas a meninas!

E quem!... Noventa mil reis,
Como que fosse um vintem;
Isso nem um abastado,
Quanto mais quem o não tem.

MARÇALLO

Pois saiba que lh'as dei,
Muito porque lh'as quiz dar,
Porque se eu não quizesse
Não me fazia dançar.

E se n'isto não quer crer,
Queira tornar a apostar,
Depois verá que hade perder
E eu que hei de ganhar.

JACOBINO

Sim, senhor, está apostado.
A outra egual quantia,
E fosse seu depositario
O João José Maria.

E as minhas vinte libras
Até já lhe vou levar,
E você querendo faça o mesmo
Isto se quer apostar.

MARÇALLO

Até já sem mais demora
Porque logo ha de ver
Eu que lh'a hei de ganhar
E você que ha de perder.

(Recolhem-se ambos ficando João na scena, sahindo depois Jacobino com o assobio na mão e Jurom se recolhe ao mesmo tempo e Jacobino olhando para o assobio dirá:)

Ó rico meu assobio,
Que tu és o meu thezouro
Que já comtigo ganhei
Noventa mil reis em ouro

E outro tanto comtigo,
Logo espero ganhar
E ainda mais havendo doudos
Que esses queiram apostar.

(Dito isto sae Jurom e Marçallo da scena pegando a uma carrella com um cortiço no qual virá um homem vestido de fera e chegando á scena Marçallo dirá:)

Ora agora Jacobino
Podes tocar e tornar a tocar,
Que por força has de perder,
E nós havemos de ganhar.

(Jacobino assobia, principiam a bolir as pernas fazendo que dançam obrigados, mostrando que não se podem suster sem dançar, pousam a carrella o dançam com franqueza a fera salta do cortiço e investe contra todos sem tocar em nenhum e se recolhem fugindo seguindo-os a fera.)

SCENA III

Sahirá Jacobino passeando e depois Marçallo ao encontro, dirá:

Não ha outro Jacobino
De tantas habilidades
Nem de pessoas do campo
Nem de villas nem cidades

Mas eu não me admirava
Se você fosse um antigo
Porque por muitos estudos
Podia ser instruido.

Mas eu vejo que é moderno,
Pouco estudo póde ter
O senhor que annos conta
Se é que sabe dizer?

JACOBINO

Eu certo, certo, não sei,
Sómente lhe sei dizer
Eu que tinha doze annos
Antes do meu pae nascer

MARÇALLO

É mentira!

JACOBINO

É verdade.

MARÇALLO

Verdade não póde ser
Porque nunca podesse o filho
Em antes do pai nascer;
Por isso digo que é mentira

JACOBINO

É verdade.

MARÇALLO

Que é uma grande mentira,
Eu aposto a uma libra

JACOBINO

Temos apostado.

MARÇALLO

Mas eu digo que é mentira.

JACOBINO

É verdade...

MARÇALLO

Pois nós temos apostado,
E entre nós não ha questão
Vamos ter com um advogado
Para saber quem tem razão.

E conforme elle disser
Assim se ha de cumprir
Sem perdermos amizade
Nem termos cousa a seguir.

JACOBINO

Vamos lá que as boas fallas
Eu sempre prezei ouvir.

(Quando estiverem com isso sairá Alfredo com a cadeira na mão, deixa-a na scena, e recolhe-se. Logo sahirá o Doutor Lorem senta-se n'olla depois vem Marçallo e Jacobino direitos a elle com o chapeu na mão.)

MARÇALLO

Guarde-o Deus, senhor doutor.

DOUTOR

Deus o guarde tambem
Meus illustres senhores,
Queiram-se cobrir,
Estejam á vontade.

(Elles pedirão licença e se cobrirão.)

DOUTOR

Que pretendem.

MARÇALLO

Ha entre nós uma aposta
Do importe d'uma libra,
E' para saber se ganhei
Ou se a tenho perdida.

Como foi formada a aposta
Até d'aqui lhe direi,
Para que possa dar rasão
A quem a tiver por lei.

DOUTOR

Fallem aqui um e outro,
Como fallaram então,
E depois de os ouvir
Lhes darei a solução.

MARÇALLO

Bem disposto, meu senhor,
Louvo a sua razão
E assim vamos fallar
Como fallamos então

JACOBINO dirá:

O Senhor que annos conta
Se é que sabe dizer.

JACOBINO

Eu certo, certo, não sei
Somente lhe sei dizer
Eu que tinha doze annos
Antes de meu pae nascer.

MARÇALLO

E' mentira.

JACOBINO

E' verdade.

MARÇALLO

Verdade não póde ser
Porque nunca pode o filho
Em antes do pae nascer
Por isso digo que é mentira.

JACOBINO

E' verdade.

MARÇALLO

Que é uma grande mentira
Aposto eu a uma libra.

JACOBINO

Temos apostado.

MARÇALLO

Mas eu digo que é mentira.

JACOBINO

E' verdade.

MARÇALLO

Pois nós temos apostado
E entre nós não ha questão
Vamos ter com um advogado
Para saber quem tem rasão

E conforme elle disser
Assim se ha de cumprir.
Sem perdermos a amisade
Nem termos causa a seguir

JACOBINO

Vamos lá que as boas fallas
Eu sempre prezei ouvir.

MARÇALLO

Temos dito, meu Senhor
O que entre nós se passou
Sem mais nem menos palavras
Como quando se apostou.

DOUTOR

Segundo o que me ha proposto
A rasão está entendida
Elle diz que é verdade
E é verdade a ser mentira

Quinhentos reis da consulta
E a elle dê-lhe a libra.

(Marçallo faz que dá a esportula ao doutor e elle se recolhe. E fazendo que dá a libra a Jacobino diz)

Ora o Senhor muita habilidade tem
Para dizer uma mentira.

JACOBINO

Pois Senhores verdades
Nunca eu disse uma
Em toda a minha vida.

MARÇALLO

Pois Senhor além da minha paga
Por favor lhe peço
Que me diga ahi já
Uma rusga de mentiras.

JACOBINO

Olhe senhor, agora vou dizer verdades
E muito esclarecidas
E depois das verdades
Lhe direi as mentiras.

Ora diga-me Senhor
O Senhor semeando trigo
Que espera colher?

MARÇALLO

Trigo...

JACOBINO

Pois o contrario aconteceu comigo
Porque semeando mostarda
Esperando colher mostarda
Que me havia de nascer?
Nasceram-me vinte burros
E vinte e uma albarda.

E olhe que isto são verdades
Que por muitos foram vistas
E tambem nasceu um gallo
Que tem vinte e cinco azas
E tem trinta mil christas.

Ainda lhe noto mais outra
Que tenho em minha casa
Um cachorrinho bravo
Que tem desoito orelhas
Todas em volta do rabo.

E para mais se admirar
E' filho d'uma cadella
Que tem pés como jumenta.
E chifres como vitella.

MARÇALLO

Todas ellas são graudas
Nem elle ha quem creia n'essas.

JACOBINO

E' verdade Senhor
Ainda lhe digo mais outra
Que vi hontem um boi
Com trinta cabeças.

MARÇALLO

Entre tantas não disse uma
Que se possa acreditar
Pois para trinta cabeças
Não tem um boi logar.

JACOBINO

Eu vi Senhor
Tinha cinco em cada lado
E doze na frente
E oito no rabo.

MARÇALLO

Basta... Basta .. está bem.
(E abraçando-o dirá:)
De-me cá já um abraço
E saiba que hei de ser
Seu amigo verdadeiro
Mas quero que você desde hoje
Seja sempre meu companheiro.

Porque sempre fiz grande estima
D'um homem que seja trampolineiro.
Porque é o maior dote
Que pode ter um homem caloteiro.

Olhe cá meu amigo, cá lhe vou
Notar a minha biographia
Em toda a minha vida
Tenho vivido a calote.

E comido e bebido do melhor
E juntado doze contos de reis
Para dar á filha de dote
E tudo isto adquirido
Por meio de calote.

E olhe cá meu amigo
Não ha melhor modo de vida
Que comer e beber do melhor
E andar asseado
Tudo á custa de quem fica logrado
Olhe que é melhor do que ser morgado.

Assim quero que seja meu genro
Se você quizer tambem
Tudo isto em virtude
Da grande ideia que tem

Mas antes d'isso pretendo
Que diga algumas mentiras
Com que eu faça um calote
De arranjar bastantes libras.

JACOBINO

Como você me promette
Ser meu sogro e amigo
Como se hão d'arranjar
Escute que já lhe digo.

Voltemos para Lisboa
E eu como seu criado
Fingindo que sou o moço
E você que é um morgado.

Andaremos na cidade
De passeio em passeio
E você como morgado
Que anda no seu recreio.

Encontrando um cidadão
Que lhe pareça abastado
Hade o ir reverenciar
E muito bem reverenciado.

E dizer-lhe que é morgado
Natural de Leiria
Mas que está em Lisboa
Ainda ha muito poucos dias.

E pergunte quem é elle
Qual é sua occupação
Isto com boas qalavras
Que até lhe ha-de dar do m.

E se elle lhe responder
Que é mercador de fazenda
Pergunte que objectos
São os que elle tem á venda.

Se disser que são vestidos
E outras cousas d'importe
Então lhe ha-de dizer
Assim mesmo d'esta sorte.

Se elle não duvidasse
Seria um seu freguez
Mas que é o seu costume
Pagar só de mez em mez.

Ainda que tenha dinheiro
Nunca costuma pagar
Qualquer cousa que queira
Quando manda ou vai comprar.

Só por ter doze cazeiros
E com todos contractados
De lhe pagarem por mez
Cada um mil cruzados.

E por honra do tractado
Que com os seus cazeiros fez
Tambem faz seus pagamentos
Sómente de mez em mez.

Mas que esteja na presença
Quando você lh'o disser
Eu a mais a sua filha
E tambem sua mulher.

Para que assim lhe possam
Os sentidos verdadeiros
Nunca querendo que os quatro
Sejam todos caloteiros.

E se se elle franqueiar
Você tome bem sentido
Que lhe ha de dar estes nomes
Para o assento do livro.

Eu que sou o Nunca veio
E você o Já pagou
E não se esqueça de lhe dar
Estes nomes que lhe dou.

A mulher que é a Não deve
E sua filha Ninguem
E que são estes os nomes
Que a sua gente têm.

E tudo por estes nomes
Sem receios póde dar
Que quando fôr no fim do mez
De prompto lhe vai pagar.

Que elle com os nomes trocados
Faz um assento errado
E vai ser por esta forma
Que elle fica bem logrado.

Se elle cair na caramenha
Que creia n'estas palavras
Depois hão de lhe sair
As continhas bem furadas.

Ora vamos e não se esqueça
Nem se quer d'uma palavra
E se precizar de mais
Tambem deve pôr do casa.

Mas tambem é bem que tire
Da môna d'essa cabeça
Porque eu só basta que urda
E você depois que teça.

MARÇALLO

Marchemos já sem demora
Que se me ajudar a sorte
Hei de fazer um calote
Que seja de grande importe.

(Recolhem-se ambos, sahindo logo com Lumedia e Laurina andando a passear na scena fingindo estarem em Lisboa. Sairá Felix Simão e Marçallo dirá:)

Ora ahi vem um Senhor
Que mostra ser cavalheiro
Pois no seu gosto conheço
Que é homem verdadeiro.

E até vou ter com elle
Se me prestar attenção
De fallar com elle quero
Gozar a consolação.

LUMEDIA

Está bem doudo o Já pagou
Pois um Senhor d'alta escala
Ainda que lhe vá fallar
Não lhe dá nem uma falla.

MARÇALLO

Tu é que estás bem pateta
Pois tu não sabes Não deve
Que um Senhor civilizado
Que falla a um almocreve?

Só não querem fallar aquelles
Que pensam que são alguem
Os que nem sabem dizer
Que reaes tem um vintem.

LAURINA

E mesmo como o pae disse
O paisinho tem razão
Porque aquelles que são menos
E' que pensam que mais são.

MARÇALLO

Tu ouviste bem Não deve
O que respondeu Ninguem
Ora já sei que a filha
Mais entendimento tem.

(Virando-se Marçallo para Jacobino, dirá:)

Ora diz. Nunca veio
Quem é que tem mais rasão
E tu diz o que entenderes
Falla livre de paixão

JACOBINO

Olhe Senhor Já pagou
Eu até nada lhe digo
Que se eu disser o que entender
A um posso agradar
A outro aborrecer
E assim sómente digo
Deixe lá as cabras beber.

MARÇALLO

Se tu estás para graças
Eu para graças não estou,
E para saber se sim ou não
Já fallar com elle vou.

(Tira o chapeu, vae direito a Felix Simão que anda passeando e dirá:)

MARÇALLO

Dignissimo cavalheiro,
Desculpe-me a ousadia
Para que diga a que eu pretendo
Para com vossa senhoria.

(Felix Simão tira-lhe o chapeu da mão, põe-lh'o na cabeça e diz:)

Falle senhor com franqueza,
Mas antes queira se cobrir
Depois diga o que pretende
Que eu me presto para o ouvir.

MARÇALLO

Mais lhe devo meu senhor,
Já que me presta attenção,
Vou dizer quanto pretendo,
Isto sem adulação.

Quando ao longe o vi,
Na sua physionomia
Logo vi que era Senhor
D'alta cathegoria.

Como sempre fiz estima
De quem sabe bem tractar,
Motivou-se isto um desejo
De com o Senhor fallar.

E disse para Não deve
E minha filha Ninguem,
Porque são estes nomes
Que a mulher e filha tem.

E tambem estava presente
Aqui o meu Nunca veio
Estavamos estes quatro
Que andamos no passeio.

Disse eu ora ahi vem um Senhor
Que é d'alto espavento
E eu com elle desejo,
Ir tomar conhecimento.

Respondeu minha Não deve,
E' Senhor d'alta escala,
Ainda que vás fallar,
Não te dará nem uma falla.

Disse-lhe eu, tu estás patêta,
Mostras ter falta de tino,
Que um Senhor civilisado,
Até falla a um menino.

FELIX SIMÃO

Respondeu bem meu Senhor,
Fallando com a verdade
Porque eu sempre fui amante
Da bella sociedade.

Até que muito preso
A nossa nova amisade,
Que eu andava passeando
Com um modo disfarçado.
Comprehendi bem por mudo
Quanto o Senhor tem notado.

MARÇALLO

Mais estimo meu Senhor
O Senhor ter comprehendido,
Porque assim sabe de certo
Que nada de mais lhe digo.

FELIX SIMÃO

E' senhor o meu desejo
Egual ao seu tambem,
Mas só sinto estar fallando.
E sem conhecer com quem.

MARÇALLO

Com o morgado Já pagou,
Natural de Leiria
Que do nosso continente
Sou da maior morgadia.

FELIX SIMÃO

Pois eu sou Felix Simão
Aqui mesmo de Lisboa,
Sou um mercador assistente
Na rua da Madragoa.

MARÇALLO

Não conheço por pessoa,
Mas sim por ouvir notar
Que anda a sua heroica fama
Por toda a terra e mar.

FELIX SIMÃO

Emquanto de mercador,
Nem houve nem ha segundo
Na cidade de Lisboa,
Nem talvez em todo o mundo.

MARÇALLO

Na sua constante loja
D'importante fazenda,
De que objectos consta
Que o Senhor lá tem á venda?

FELIX SIMÃO

Varios vestidos riquissimos
De homem e de mulher
E muitos mais objectos
Lá ha tudo o que quizer.

MARÇALLO

Se o Senhor não duvidasse,
Eu seria um seu freguez,
Porém é o meu costume
Pagar só de mez em mez.

Ainda que eu tenha dinheiro,
Nunca costumo pagar
Um objecto que eu queira,
Quando mando ou vou comprar.

Só por ter doze cazeiros
E com todos contractado
De me pagar por mez,
Cada um com mil cruzados.

Assim mesmo para firma
E honra do meu tratado,
Tambem as minhas despezas
Só de mez em mez as pago.

FELIX SIMÃO

Tem, senhor, ás suas ordens
O que em minha casa houver
Ou vá ou mande o criado
Ou a filha ou a mulher.

MARÇALLO

Acceito o seu favor
E para o que prestar me offereço,
Pois a honra que me faz
E' digna d'alto preço.

FELIX SIMÃO

Adeus senhores, e senhoras
Até um dia mais cêdo,
Pois não posso ter demora
Que vou para o meu emprego.

MARÇALLO

Adeus, senhor, até breve
Eu logo o vou visitar
Para que os meus sentimentos
Melhor possa disfarçar.

(Sae Felix Simão ficando os quatro na scena e Jacobino dirá:)

Está bem cahido na ratoeira,
Olhe que a nossa felicidade
Está em saber dizer uma mentira
Que pareça uma verdade.

Mas agora vamos a toda a pressa
Cuidar em nos enfardelar
Antes que saibam a nossa honra
E comece a desconfiar.

MARÇALLO

Vou já comprar um casaco
E dos de mais alto estado
Como pago com palavras
Posso andar asseado.

(Entra e torna a sahir com alguma cousa no lenço e chegando-se aos outros dirá:)

Ora aqui trago o casaco
Que é dos melhores que lá havia
Que não ha de andar segundo
Lá na nossa freguezia.

LAURINA, (dirá.)

Vou já buscar um vestido
Mas do mais rico setim
Que não quero que ande outra
Asseada egual a mim.

(Entra ficando os tres e depois sae com alguma cousa no lenço e dirá:)

Já aqui trago o meu vestido
Para levar á romaria
Mas emquanto ao setim
E' dos melhores que lá havia.

LUMEDIA

Tambem vou já buscar um
Escolhido da melhor sêda,
Pois quero que todos digam
Que pareço uma princeza.

(Entra e depois sae com alguma cousa no lenço virando-se para os tres dirá:)

Aqui trago o meu vestido
Dos melhores que lá achei,
Que é de sêda tão rica
Como ainda não encontrei.

JACOBINO

Pois eu vou buscar um chaile
Mas é para guardar
E' o que hei-de dar por prenda
A' moça com quem casar.

Mas ainda hei-de trazer
Mais differentes cangalhadas,
Para dar depois por prenda
A cunhados e cunhadas.

(Entra e depois sae com alguma cousa no lenço e depois virando-se para os tres dirá:)

Trago um riquissimo chaile
Mas nada mais me quiz dar,
Está com as mãos na cabeça
E olhe que já está a scismar.

E por mais que lhe eu pedisse,
Sempre a coçar na cabeça,
Quer você que lhe eu diga,
Não tarda que endoudeça.

E depois que eu vim embora
Veio fallar-me ao caminho,
E fallou-me ao ouvido
Mas isto muito baixinho.

Disse: diga ao seu patrão
Que ha viver e morrer,
E assim que quero logo
Com elle contas fazer.

Que vá logo ter a casa
Do Senhor juiz Lorem,
Que eu a mais o escrivão
Que lá vamos ter tambem.

E que é como amigos
Porque não é estimado,
Que até nem o seu nome
Ao juiz tinha dado.

Que sómente lhe fallará
Perante elle e escrivão,
Fazer d'uma certa conta
Uma declaração.

E que assim o seu nome
Só ao escrever se daria,
Mas que não era baixal-o
Porque elle o não conhecia.

Mas você vá lá depressa
Não tenha que receiar,
Com o nome de Já pagou
Nada lhe tem a pagar.

MARÇALLO

Isso não me dá fadiga
Nem me motiva suor,
Que eu por quem sou, lhe protesto
Que hei-de ficar por melhor.

JACOBINO

Sim, senhor, você está
Um lindo caloteiro,
Como você não ha segundo
Fica sempre sendo o primeiro.

Ora vá já lá depressa
Não convém mais demorar,
Pois vejo que já está mestre
Até capaz de me ensinar.

(Vão-se todos, depois sae o Juiz Lorem, senta-se na cadeira que ficou e onde fez de doutor. Estando sentado sae Felix Simão trazendo o livro das contas e sae Jurom pela esquerda com o livro das consultas e um tinteiro, e chegando ao Juiz dirão:)

Viva o snr. Juiz Lorem.
Ora vivam as senhoras tambem.

(Sahirá Marçallo e dirá:)

Viva o snr. Juiz e a companhia.
Viva meu senhor, cubra-se esteja á vontade.

MARÇALLO

Com licença, meu senhor.

FELIX SIMÃO

O senhor sabe para que o chamei?

MARÇALLO

Ouvirei, meu senhor.

FELIX SIMÃO

Quero aqui com o senhor
Certas contas fazer

MARÇALLO

Sim senhor, ouvirei.

FELIX SIMÃO

Um vestido de seda
Dos de mais alto espavento
Importa em trinta e um mil e cento
A senhora não o deve.

Vinte oito mil e quinhentos
D'um vestido de setim,
Com crochets d'ouro a brochar
Que ninguem veio buscar.

Tres mil reis d'um chaile
Com a estampa do mar
Que o senhor nunca veio buscar.
Vinte mil e quinhentos
D'um casaco de panno preto,
Já pagou.

MARÇALLO

Já, já, meu senhor,
E' aquillo que é verdade
Nunca faltei nem falto,
Adeus meus senhores.

(Retirando-se um pouco, Felix Simão dirá em voz alta:)

O' senhor, Já pagou. O' senhor, Já pagou?

(O Juiz furioso, dirá:)

Você que quer ao homem?

FELIX SIMÃO

Que me pague.

JUIZ

Que casta d'homem é você,
Que quer que lhe pague
O que ninguem veio buscar
E que a senhora não deve
Por que já lhe pagou.

FELIX SIMÃO

Olhe cá snr. juiz
Está aqui assente,
Trinta e um mil e cento
A senhora deve.

JUIZ

Ponha-se já d'aqui para fóra,
Seu pedaço de mandrião,
Pensa que estou aqui para me divertir.

(Dá-lhe duas bofetadas e Jurom dá-lhe com o livro, dizendo:)

Eu tambem quero que pague
De me mandar aqui vir.

(Marçallo está desviado, chega-se a Simão quando lhe estão a bater, dá-lhe tambem duas bofetadas, Felix Simão foge, elles o seguem. Cahe o panno e toca a musica.)

SCENA IV

Sahirá Felix Simão com um bordão na mão passeando, depois sahirá Jacintho e dirá:

Ora viva o snr. Felix Simão!

FELIX SIMÃO

Ora viva o snr. Jacintho.

JACINTHO

Não sabe quanto estimo
D'aqui o vir encontrar,
Porque ia com destino
De lhe ir a casa fallar.

FELIX SIMÃO

Já que o senhor está disposto
Queira seguir seu destino
Pois lhe quero dar em casa
Uma garrafa do fino.

JACINTHO

Mais estimo, meu senhor,
Se a jornada me acatar,
Se aqui me quizesse dizer
O que lhe vou perguntar.

FELIX SIMÃO

Se for cousa que eu saiba
Dizer-lhe nada duvido
Porque sempre costumei
Ser leal a um amigo.

JACINTHO

Disseram-me que Marçallo
O tinha caloteado
E é o que eu quero saber
Porque tambem estou lograd.

FELIX SIMÃO

E' verdade, meu senhor,
Porque eu não o conhecia
E disse-me que era
Senhor d'uma morgadia.

E eu vi-o feito lord
E mais um feito criado
Finalmente parecia
Que era um grande morgado.

E com duas senhoritas
Que se eu aqui as pilhava,
Só com este meu bordão
E' que eu d'ellas me vingava.

Porque elle assim que me viu
Disse para me illudir,
E olhe que isto são verdades
Que eu não costumo mentir.

Ora ahi vem um senhor
Que é d'alto espavento,
E eu com elle desejo
Ir tomar conhecimento.

Disse uma das senhoritas
E' senhor d'alta escala
Ainda que lhe vá fallar
Não lhe dá nem uma falla.

Mas isto já com malicia
Para forjar o calote,
Que se eu bem adivinhara
Derretia com um chicote.

E a outra senhorita
Tambem a impostura
Finalmente eram quatro
Todos a querer-me lograr.

Que eu assim julguei que estava
Com gente civilisada
E que havia de fazer,
Franquiei-lhe a minha casa.

Pois assim que isto ouviram
Foi um tal acarretar
Como costuma fazer
Quem não faz conta de pagar

Depois suspendi-lhe a ordem
Que se eu a não suspendia
Em menos de duas horas
Ficava a loja vazia.

Nem um lenço tabaqueiro
Me deixavam lá ficar,
Com que eu estando suado
Me podesse bem limpar.

E mandei-lhe assim dizer,
Com muita moderação
Que queria das nossas contas
Uma conciliação.

E que ao depois lhe dava
Tudo mais que elle quizesse
Até com a condição
De pagar quando podesse.

E elle não recusou
Foi com toda a promptidão
Ter a casa do juiz
E fui eu e o escrivão.

Mas tinha-me dado uns nomes
Para fazer o assento
Mas nomes de que não ha
O menor conhecimento.

E ahi com os taes nomes
Pensou que era mangação
Passou até a desfeitear-me
E mais o escrivão.

E aquelle mandrião
Se me havia d'accudir
Fez-se a mim junto a elles
Que me valeu o fugir

Mas se um dia o encontro
Em um logar desgarrado
Hei de com este bordão
Pol o mesmo n'um moado

Pois as duas pelintronas
Não me saem do sentido,
Que o meu gosto era dar-lhe
Como se dá a malhar trigo.

Por ella ser em ajuda
Da grande asneira que eu fiz
Aonde quer que as tope
Até lhes quebro o nariz.

JACINTHO

Eu bem sei que o senhor
Tem razão em se queixar
Porque isso não é gente
Que se possa tolerar.

Que da casa do Marçallo
E' tudo uma canalhada
Porque deve a meio mundo
E ninguem de lá vê a paga.

Pois tambem me está devendo
Que lá foi buscar um dia
Seis mil e quinhentos reis
Só d'assucar e de aletria.

Que no praso d'oito dias
Havia d'apparecer
E já ha muito fez dous annos
Que ainda o não tornei a ver

Foi hontem a primeira vez
Que eu lhe mandei pedir
E elle poz-se caçoando
Isto sem se affligir.

Diz que eu não tinha
Outro para me remir
Que fosse dar uma volta
Com os alforges a pedir

Ora veja que resposta
Me deu aquelle brejeiro
Que eu somente me vingava
Em lhe dar com um jordoeiro

E mais mandou me uma carta
Para mais me escarnecer
Cuja carta aqui a tenho
E até que lhe vou ler.

(Tirando uma carta do bolso a lerá d'esta fórma:)

Amigo Jacintho o eu dever-te pouco é que eu mais sinto, mas nunca te pago e n'isso não minto, mas que me apoquentes isso não consinto, se quizeres penhora-me os meus bens que valem por alto preço, trinta reis ou dous vintens; se quizeres que eu torne a ser teu freguez, irei cada dia mais de vinte e uma vez, mas não me falles em paga; tu não sejas descortez, e para isso aqui tens de prompto um teu amigo Marçallo Lopes, que come e bebe por seus calotes.

Ora, ora veja que grande desavergonhado que tem tanta vergonha na cara como o meu cão tem no rabo.

(Rasga a carta, deita-a ao chão e continua:)

Mas eu um dia vou
Lá mesmo a casa d'elle,
Com um cajado que lhe hei de dar
Como quem dá n'um cão damnado.
De forma que elle e a todos
Os hei de pôr mesmo n'um moado.

E se o senhor quizer
Queira-me acompanhar,
Que este é o melhor meio
De nos podermos vingar.

Senão ainda além
De estarmos lezados
Seremos por elle toda a vida
Chincalhados.

FELIX SIMÃO

Muito prompto meu senhor,
E pegamos já a marchar
Que o mais breve que possa,
D'elles me quero vingar.

Mas é justo que levemos
Cada um o seu mangual
E que entremos pela porta
Da trazeira do quintal.

Isto na propria hora
Que estejam a jantar
Para que estejam juntos
Que em todos quero dar.

JACINTHO

E' esta a propria hora,
Sem mais, vamos preparar
E depois d'estarmos promptos
Comecemos a marchar.

(Entram ambos. Sae depois Marçallo, Jacobino e Lumedia e esta dirá:)

Vou ordenar uma junta
Pois ha tanto que comer,
Que já tantas cousas vejo
Em risco de se perder.

MARÇALLO

Pois vai, que eu e Jacobino,
Vamos já buscar a meza
E quero que todos comam
Até a barriga estar teza.

(Entra Lumedia, Marçallo e Jacobino e estes dois sahirão com uma mesa collocando-a na plateia, vão buscar quatro cadeiras sentando-se logo Jacobino e Marçallo á sua direita. Depois sae Lu-

media, e Laurina pela sua esquerda com um açafate cada uma, depois Lunnedia tira uma toalha da gaveta da meza, estende-a sobre a meza, collocam os açafates e sentam-se: Lunnedia em frente de Marçallo e Laurina em frente de Jacobino, Lunnedia dirá:)

Em antes de pôr a meza,
Uma aria vou cantar,
Só pelo prazer que tenho
De termos um bom jantar.

(Cantará a aria seguinte:)

Viva, viva, quem tem arte
Que do melhor come e bebe,
Viva quem sem ter pago
Tem o nome de Não deve.

(Laurina cantará o seguinte:)

Viva quem compra vestidos
Sem lhe custar um vintem,
Que para comprar ha gente
E para pagar ninguem.

(Marçallo cantará o seguinte:)

Viva quem tem bom casaco
E que nada lhe custou,
Que mesmo sem ter pago
Tem nome que já pagou.

(Saem Felix Simão e Jacintho com um mangual cada um, com batedores de palha. Simão dará uma pancada em Marçallo, dizendo: Já pagou ou ha de pagar; dará em Lunnedia, dizendo: Não deve ou devo: dará em Laurina, dizendo: ó Ninguem ou ó alguem; e dará em Jacobino, dizendo: ó Nunca veio ou veio. Jacintho e Simão coream a entrada para baterem, gritam aqui d'el-rei, recolhem-se os quatros. Simão e Jacintho seguem-os. Cae o panno e toca a musica.)

SCENA V

Sai Jacobino e depois Marçallo, dirá:

Jacobino?...

JACOBINO

Senhor!...

MARÇALLO

Ando agora scismando
Não sei como ha de ser
Porque trabalhar não quero
E não temos que comer.

Por calote não podemos
Comer mais nem um real;
Porque Simão e Jacintho
Nos deitaram no jornal.

JACOBINO

Cuidei que era outra cousa,
Olhe porque anda a scismar,
Isso tem bom remedio,
Você vote-se a roubar.

MARÇALLO

Isso já a mim me lembrou,
Mas lembrou-me ao mesmo tempo
Que posso achar encontro
Ao fazer arrombamento.

JACOBINO

Pois não se apanha a risco,
As mulheres que vão roubar
E você póde estar em casa
A comer sem trabalhar.

MARÇALLO

N'isso não disseste mal,
Mas devemo-nos lembrar
Que as mulheres sós de noute
Hão de ter medo d'andar.

JACOBINO

Basta que andem de dia
A' mira pelos quintaes
Que não falta que roubar
Em eiras e em nogaes.

MARÇALLO

De dia podem ser vistas,
Que se alguem as vir roubar,
Podem vir dar busca a casa
E o roubo encontrar.

JACOBINO

Roubem ellas quanto poder
E assim venham entregar
Que mil buscas que cá venham
Nem o signal hão de achar.

MARÇALLO

Pois assim lhe vou dizer,
Se ellas quizerem ir roubar.

JACOBINO

Por isso estão ellas promptas,
Que até são capazes d'ir
Mesmo sem você mandar.

MARÇALLO

Talvez não tenham essa habilidade.

JACOBINO

Então você não sabe
As mulheres que nós temos
São umas mulheres muito prendadas,
Você não vê que são duas arreguiladas.

Olhe bem para aquellas caras,
Que teem mesmo caras de ladras
Mas das mais finas ladras.

(Entra Marçallo. Sae Laurina com um objecto na mão e dirá:)

Esconda bem o que lhe entrego,
Que depois de eu ter roubado,
E' que avistei dous trolhas
Em cima d'um telhado.

E por isso deve haver
N'isto muita precaução,
Porque me falta saber
Se me veriam ou não.

JACOBINO

Tem tu sempre bem cautella
Que te não chegue a prender,
Que roubo que tu trouxeres
Não tem elles mais de vêr.

E vai depressa buscar mais,
Que se vós muito trouxeres
Nunca deixo de dizer
Que temos boas mulheres.

(Laurina vae-se. Jacobino pousa o roubo na meza, vae buscar um berço colloca-o ao pé da meza, mette o roubo no berço, começa a embellar cantando:)

Nana, nana meu menino
Que a mãesinha logo vem,
Foi lavar os coeirinhos
Ao rio de Santarem.
A'... á... á... á...

(Sae Sortivão, e Alfredo pela sua direita. Chegando a casa de Jacobino, Sortivão dirá:)

O' patrão!...

JACOBINO

Senhor?...

SORTIVÃO

Nós vimos procurar um roubo
Que para aqui entrou.

JACOBINO

Oh! Senhor! só se foi
Algum tufão de vento que o cá deitou.
Não porque d'isso saiba eu,
Porque só quero que Deus me ajude
Com aquillo que é meu.

Porque as minhas mãosinhas
Nunca se apegaram ao alheio;
Porque nunca me esqueceu
A boa educação,
Que meu paesinho me deu.

Mas os senhores procurem á vontade, só pelas alminhas lhe peço que façam pouco rugido para não acordarem o menino que me tem affligido, porque a mulher foi ao rio e eu queria vêr se o conservava a dormir até a mulher vir, para me não tornar affligir que elle anda muito impertinentinho, estando acordado ninguem o póde aturar, eu até desconfio que ande com os dentinhos a furar.

(Embellando sempre, Sortivão e Alfredo procuram por toda a casa. Depois Sortivão dirá:)

Temos visto e revisto
Não ha mais que procurar,
E assim vamos embora
Você ha-de perdoar.
Que se nós aqui viemos
Foi por alguem nos mandar.

JACOBINO

Não tenho que perdoar
Porque bem sei que os senhores
Não vinham sem os mandar.
Santo Antonio milagroso
Os livre de testemunhos falsos
Aos senhores, a mim e a todos.

SORTIVÃO

Tenha paciencia!
E adeus, meu patrãosinho.

ALFREDO

Fiquem com Deus.

JACOBINO

Ora vão, vão. Na graça de Deus Nosso Senhor e da Virgem Nossa Senhora.

(Fóra da casa de Jacobino, Sortivão dirá:)

Quem alcança má crença
Muito injusto padece,
Pois que elle é um bom homem
Isto é, ao que parece.

ALFREDO, (responde:)

Basta vêl-o com o menino
Coberto de paciencia,
Que nenhum de nós soffria
Aquella impertinencia.

(Entram. Fica Jacobino e sahindo Marçallo, dirá)

Então escapou?!

JACOBINO

Ora escapou... Sem duvidar
E escapa tudo mais
Que se me entregar.

Elles depois de ter procurado
E de nada encontrar
Julgando que eu estava innocente
Tiveram de mim tanta paixão
Que com as lagrimas nos olhos
Sahiram pedindo perdão.

(Entregando-lhe o roubo, dirá:)

Mas agora tomem conta
Com franqueza o podem guardar
Olhem que agora isto
Não tornam a procurar.

(Marçallo toma o roubo, recolhe-se, sae Lumedia da atrapalhada com outro roubo, dizendo:)

Guarda isto bem guardado
Que eu levei uma corrida,
E só me falta saber
Se fui ou não conhecida.

Que se eu fosse conhecida,
Isto está de suppor,
Que não tarda aqui a vir
O cabo e o regedor.

(Foge. Jacobino mette o roubo á pressa no berço começando-o a embellar. Sae Sortivão e Alfredo fazendo barulho em casa de Jacobino sem pedir licença. Sortivão dirá com aspereza:)

Nunca pensei que houvesse
N'esta nossa freguezia
Quem tanto me inquietasse
Na minha regedoria

JACOBINO dirá com moderação:

O Senhor está tão queixoso
Quem foi que o offendeu?

SORTIVÃO

A grande queixa d'um roubo
Que aqui se recolheu.

JACOBINO

Ai! Senhor ainda além de eu estar aqui
o consumido com o menino, emquanto a
ulher foi ao moinho, ainda terei de soffrer
ais um falso testemunho.

Mas os senhores procurem bem
Até se desenganar
Que ainda que eu diga a verdade
Não se queiram acreditar.

(Procuram outra vez. Depois Sortivão dirá:)

Vamos d'aqui para fora
Não ha mais que procurar
Mas desde aqui em diante
Se alguem mais se me queixar

Ou me hão de provar o roubo
Ou os mando capturar
Para que não lhe dê desgosto
Nem me venham importunar.

JACOBINO

Faz Vossa Senhoria muito bem
Pois é bem que padeça quem tem culpa
Não quem culpa nenhuma tem.

SORTIVÃO

Fique na paz de Deus, meu Senhor

JACOBINO

Vão com Nossa Senhora.

(Fóra da casa de Jacobino, Alfredo dirá:)

Senhor regedor

SORTIVÃO dirá:

Diga, senhor.

ALFREDO

Quer o senhor saber
Que eu estou a desconfiar
Que o homem se tem regalado
De nos embaçar,

Pois o berço está tão encobertado
E se fosse menino tinha abafado;
Olhe que aquillo é o roubo
Que lá tem introduzido

E elle diz que é menino
Mas olhe que isto é fingido
E saiba que não é menino
Mas fineza de ladrão fino e muito fino.

SORTIVÃO dirá:

Tornemos lá outra vez
E havemos de dizer
Que nos amostre o seu menino
Que o pretendemos vêr.

D'esta forma saberemos
Se elle o não quizer mostrar
Vamos logo vêr ao berço
Que elle lá se ha-de achar.

(Entram na casa de Jacobino, e Sortivão dirá:)

O patrão descubra a cara ao menino
Senão morre-lhe d'abafo.

(Jacobino embellando sempre, dirá:)

Não morre, não, meu Senhor
Porque o meu menino
Tem sete folegos de gato
Por isso o meu menino
Nunca morre d'abafo.

SORTIVÃO

Descubra a cara ao menino
Que o pretendemos vêr.

JACOBINO

Não senhor, não, senhor!
Porque póde apanhar ar
E elle anda doentinho
Depois póde constipar.

SORTIVÃO

Deixe vêr o seu menino
Que não vamos sem o vêr.

JACOBINO

Vão-se embora descançados
Que eu assim que elle sarar
Pego n'elle no cólo
E lá lh' o irei mostrar.

SORTIVÃO

Ouço dizer que é lindo
E eu não vou sem o vêr.

JACOBINO

Ai... não... não, meu Senhor
Que elle está com serampêllo
E o senhor doutor disse
Que não désse o ar
Nem nas pontas do cabêllo.

Senão o serampello que se recolhia
E o meu menino que morria
E eu já agora
Que Nosso Senhor m'o deu
Eu sempre o queria.

SORTIVÃO

Não estamos para mais demora
Vamos vêr o seu menino.

(Mette as mãos no berço, Jacobino chora e embaraça-lhe as mãos dizendo:)

Ai Senhor que morre o meu menino
Sem a mulher cá estar
E ella depois vem para casa ralhar
Porque eu o deixei tomar ar.

(Depois de ver que não lhe pode embaraçar mais as mãos, deita a fugir. Seguem-n'o gritando: Cerca, que é ladrão! Cae o panno e toca a musica.)

SCENA VI

Sahirá Jacobino e dirá:

Irra... Irra... Irra...
Olhem do que eu escapei
Mais me valera beber uma do fino
E comer um prato de geleia
Do que ir para a Costa d'Africa
Depois de estar na cadeia.

(Sae Alfredo com um chapeu, faz que o perde. Jacobino acha-o e foge, Alfredo recolhe-se fingindo que não sabe que o perdeu. Depois sae Jacobino e logo sahirá Alfredo e lhe dirá:)

O senhor achou alguma cousa?

JACOBINO

Sim, senhor, é verdade que achei
E se me der os signaes certos
Do que perdeu,
De prompto lhe entregarei.

Ora diga-me o senhor,
Que perdeu?
Objecto ou dinheiro?

ALFREDO

Objecto.

JACOBINO

E' objecto de vestir ou calçar?

ALFREDO

Nem foi de vestir nem de calçar;
E' de trazer na cabeça.

JACOBINO

Pelos signaes que me dá
A cousa que eu achei
Decerto ha de ser essa.

Ora diga, senhor,
Perdeu só um objecto,
Ou mais algum?

ALFREDO

Dois, um chapeu e um lenço

JACOBINO

Basta. Decerto é seu,
Pois esse esclarecimento...
Mas eu vou-lh'o buscar,
E ponhol-o na cabeça.

E se lhe servir?...
E' claro que o senhor não te
Mais que pagar e sahir.

(Jacobino recolhe-se, voltando com u
carneiro põe-o pela rectaguarda na
fredo e deixando-lh'o ficar a um la

E' seu. O senhor até se pare
Com elle. Um grande cavalhe
Só póde haver duvida
De lhe faltar o companheiro.

ALFREDO dirá:

Pois um chapeu tambem cost
Trazer companheiro?!

(Leva a mão á cabeça e vendo o logro
bofetadas, dizendo:)

Marche d'aqui para fóra,
Pedaço de mandrião
Que o mando capturar
E metter na Relação.

(Jacobino foge, e Alfredo dando-lhe bo
guirá.)

Assim findará toda a comedia e pri
danças no gosto que quizerem. Depois c
no e os musicos tocarão o hymno.

FIM.

Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão, Largo de S. Domingos, 74.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQD
0033310

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 09 12 08 005 1